

Viajantes forçados

Publicação: [O Mundo em Português Nº 53](#)

Data de Publicação: Fevereiro 2004

Autor: Tiago Marques

20,6 milhões de pessoas. Entre refugiados e deslocados internos, é este o número de indivíduos aos quais o Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) presta assistência. Ou seja, um em cada trezentos habitantes do planeta não sobrevive sem algum tipo de ajuda humanitária. De acordo com o relatório anual do ACNUR para 2003, a situação dos refugiados no mundo é ainda demasiado instável, e isto apesar dos progressos alcançados no Afeganistão – dois milhões de refugiados afegãos regressaram no último ano ao seu país, vindos do Irão e do Paquistão – e também em países como a Bósnia-Herzegovina e Angola.

Tendo como pano de fundo os conflitos no Afeganistão e no Iraque, sem dúvida alguma os mais mediáticos da actualidade, é, no entanto, a África Subsaariana que continua a liderar o ranking de refugiados. Em 2002, seis dos dez principais países de origem da população refugiada pertenciam ao continente africano. Burundi, Sudão, Angola, Somália, República Democrática do Congo e Eritreia contribuíram com mais de dois milhões e meio de refugiados, reflectindo deste modo a perenidade conflitual e a instabilidade político-económica que grassa na região. Os mais recentes conflitos armados na Libéria e na Costa do Marfim reforçaram o deteriorar da situação, ao mesmo tempo que os países vizinhos das nações em estado, ou pré-estado, de guerra vêem o seu próprio equilíbrio interno alterado com a chegada de milhares de refugiados ao seu território.

Pedidos de asilo

Só em 2002 houve mais de um milhão de pedidos oficiais de asilo em todo o mundo, parte substancial dos quais continua pendente. A indefinição do estatuto de refugiado um dos principais problemas que hoje em dia enfrentam quer os que requerem esse estatuto, quer os potenciais países de acolhimento. Como o próprio ACNUR refere, foi concedido asilo nas últimas cinco décadas a vários milhões de refugiados, sobretudo na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Com a crise dos Balcãs, na década de 90, houve um aumento exponencial de pedidos, sobretudo junto das principais nações

européias, que teve como consequência imediata o reacender da discussão acerca da capacidade dos países industrializados em receber e instalar dentro das suas próprias fronteiras as massas de refugiados que a eles acorriam.

Foi neste contexto que se desenvolveram, sobretudo nos últimos dois anos, conceitos e ideias verdadeiramente bizarros para lidar com tal problemática, desde o plano britânico – para já em stand-by – de criar campos de instalação temporária em países terceiros (falou-se na Croácia) para aqueles que aguardam uma decisão acerca do seu pedido de asilo, até à implementação na longínqua Austrália de lastimáveis campos de «reagrupamento» para refugiados, cercados de arame farpado e abandonados no meio do deserto – como em Woomera – onde centenas de pessoas, sobretudo oriundas do Afeganistão, do Iraque e do subcontinente asiático, incluindo muitas crianças, são obrigadas a permanecer, contra sua vontade, enquanto esperam uma resposta ao seu pedido de asilo. Muitas vezes rejeitado, o desespero provocado por tal decisão e pela deplorável situação humanitária em que se encontram leva os refugiados a encetar greves de fome como medida de protesto ou, em casos mais críticos, a tentativas de suicídio.

Já no que a números diz respeito, a Europa Ocidental e a América do Norte continuam a ser os principais destinos daqueles que requerem asilo. Em 2002, deram entrada mais de cem mil pedidos só no Reino Unido, país que continua a liderar a lista dos países industrializados com mais procura por parte da população refugiada. Os Estados Unidos, com cerca de oitenta mil pedidos, e o vizinho Canadá, com pouco mais de trinta mil, são também destinos preferenciais para aqueles que requerem o estatuto de asilado. Apesar disso, é ainda para a Europa que se dirige a grande maioria dos refugiados. Logo depois do Reino Unido, a Alemanha, com mais de setenta mil pedidos, e a França, com cinquenta mil, ajudam a confirmar a tendência crescente de concentração de pedidos de asilo nos países mais desenvolvidos do velho continente.

Conflitos internos e seus refugiados
Mas nem todos aqueles que procuram escapar à guerra e à pobreza nos seus países o podem fazer atravessando fronteiras. Muitos limitam-se a encontrar refúgio em zonas potencialmente menos conturbadas dentro do seu próprio país. São os chamados «deslocados internos», refugiados com um estatuto menos definido e que por isso têm mais dificuldades em receber auxílio de organizações internacionais. Em 2002, concentravam-se sobretudo na Colômbia, onde a guerra civil que aí perdura há mais de trinta anos parece não ter fim. O constante recrudescimento conflitual nesta nação andina é responsável pelo número assustador de refugiados internos existentes no país,

que ronda agora cerca de um milhão de pessoas. Logo atrás da Colômbia encontra-se o Afeganistão, com perto de setecentos mil refugiados dentro das suas fronteiras, consequência directa da falta de segurança generalizada que ainda se vive no país.

De referir também os números de deslocados internos na Federação Russa, com mais de trezentos e cinquenta mil refugiados, sobretudo tchetchenos instalados em campos improvisados na vizinha república da Inguchétia. Aqui, após as eleições gerais na Tchetchénia, realizadas no passado mês de Outubro, tem sido exercida uma pressão intolerável sobre a população refugiada tchetchena por parte das novas autoridades locais para que regressem a suas casas – ou ao que delas resta – , servindo-se para tal de estratégias deploráveis, que incluem o corte de gás e electricidade nos campos de acolhimento, em pleno Inverno. Termine-se, porém, com um registo de optimismo. Em 2002, perto de dois milhões de refugiados afegãos regressaram voluntariamente ao seu país, vindos principalmente dos vizinhos Irão e Paquistão. Ao mesmo tempo, e com o fim de uma guerra civil de três décadas, teve início o processo de repatriamento em Angola, com perto de cem mil pessoas a regressarem às suas casas e às suas terras. O mesmo se passou na devastada Serra Leoa, com cerca de oitenta mil regressos, vindos sobretudo da vizinha Libéria, e no Burundi, com mais de cinquenta mil refugiados a escolherem o retorno, abandonando os seus refúgios na Tanzânia e na República Democrática do Congo.